

## ***O homem que copiava: a juventude em busca de uma identidade na “sociedade do espetáculo”***

Soleni Biscouto Fressato \*

### **Resumo:**

A sociedade que se apresenta no *O homem quem copiava* (direção Jorge Furtado, 2003) é a das mercadorias e de valorização do dinheiro. É também aquela que poderíamos denominar de a verdadeira "sociedade do espetáculo" que transforma tudo e muito em mercadorias, através de seus valores de trocas. Tudo no capitalismo se mede pelo tempo socialmente necessário à sua produção. Mede-se assim também a força de trabalho de todo assalariado. Nessa sociedade cinco jovens se deslocam, vivem suas angústias com seus trabalhos miseráveis e alienados, com seus medos. Buscam desesperadamente alternativas à sociedade do capital e formam suas identidades. Os critérios e os limites entre o que é politicamente correto, o que é moral e o que é antiético, são subvertidos pela busca do que é estético, pela busca do prazer, pelo amor louco que é impulsionado pelos hormônios dos jovens corpos (de espíritos e de corações), infelizmente sem perspectiva na sociedade capitalista, onde ter e ser se acham num amálgama contraditório. Tudo isto está no objeto do presente artigo, onde vamos analisar como esses cinco jovens, que podem ser considerados como a representação, ou ainda, a imagem mesma da juventude brasileira, formam suas identidades e observar como suas aspirações legítimas e as mais fundamentais, estão completamente em contradição com este mundo.

**Palavras-chave:** Cinema - história, juventude brasileira, "sociedade do espetáculo".

### **Résumé:**

La société qui se présente dans *L'homme qu'elle copiait* (direction Jorge Furtado, 2003) est celle des marchandises et de valorisation de l'argent. Est aussi celle que nous pourrions dénommer de la véritable "société du spectacle" qui transforme tout et tous dans des marchandises, pour ses valeurs d'échanges. Tout dans le capitalisme est mesuré pour le temps socialement nécessaire à sa production. On mesure ainsi la force de travail de tout salarié. Dans cette société cinq jeunes se déplacent, vivent leurs angoisses avec leur travail misérable et aliéné, ses peurs. Ils cherchent désespérément des alternatives à la société du capital et forment leurs identités. Les critères et les limites entre ce qui est politiquement correct, ce qui est moral et ce qui est antiético sont bouleversé par la quête de ce qui est esthétique, par la recherche du plaisir, par l'amour fou que pousse les hormones des jeunes corps (d'esprits et de coeurs), malheureusement sans perspective dans la société capitaliste, où avoir et être se croient dans un amalgame contradictoire. Tout cela c'est bien le sujet du présent article, où nous allons analyser comme ces cinq jeunes, qui peuvent être considérés comme la représentation, ou encore, l'image même de la jeunesse brésilienne, forment ses identités et observer comme ses aspirations légitimes et celles plus élémentaires, sont totalement en contradiction avec ce monde.

**Mots-clés:** Cinéma- histoire, jeunesse brésilienne, "société du spectacle".

---

\* · Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora Executiva da Oficina Cinema-História, Núcleo de Produção e Pesquisas da Relação Imagem-História da UFBA ([www.oficinacinemahistoria.org](http://www.oficinacinemahistoria.org)) e Editora da Revista O Olho da História ([www.oohodahistoria.org](http://www.oohodahistoria.org)). E-mail: [sol\\_fressato@yahoo.com.br](mailto:sol_fressato@yahoo.com.br). Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2840111580443225>.

*O homem que copiava* (2003) é o segundo longa metragem de Jorge Furtado (o primeiro foi *Houve uma vez dois verões* em 2002), cineasta natural de Porto Alegre (RS), mais conhecido por suas produções de curtas, entre eles, o polêmico *Ilha das flores* (1989). Aliás entre *O homem...* e *Ilha das flores* há algumas semelhanças. Ambos possuem uma voz off que conduz a narrativa. Em *O homem...* essa voz é, primeiramente, de André (Lázaro Ramos) e depois de Sílvia (Leandra Leal), que refletem sobre a vida e sobre si mesmos.

O filme apresenta uma narrativa fragmentada. Do tempo presente André lembra momentos de sua infância e de sua vida profissional. No final do filme, Sílvia remonta toda a história. Essa fragmentação se apresenta numa mistura de linguagens, com a inserção da animação e de uma estrutura de HQ (história em quadrinhos).

Mesmo possuindo um tempo e um espaço definidos (ano de 2001 na cidade de Porto Alegre), o filme pode ser transposto para outros anos e outras cidades, pois a realidade apresentada pode ser considerada como a realidade da juventude brasileira de início do século XXI. Trata-se de uma juventude sem perspectiva, que cria as próprias oportunidades numa “sociedade do espetáculo” que valoriza sobremaneira o dinheiro (fio condutor de toda a narrativa) e as coisas que o dinheiro pode comprar, transformando inclusive as pessoas em coisas, passíveis de serem compradas.

Dessa forma, a proposta do presente artigo é analisar de que maneira os jovens de *O homem que copiava* – André, Sílvia, Cardoso (Pedro Cardoso), Marines (Luana Piovani) e Feitosa (Júlio Andrade) – formam suas identidades na “sociedade do espetáculo”.

O termo “sociedade do espetáculo” foi criado por Guy Debord, nos conturbados anos 1960, como uma teoria crítica da sociedade contemporânea. Teoria baseada nos pressupostos de Marx e de Lukács, muitas vezes incômoda, que ao longo dos últimos quarenta anos, vem sendo cada vez mais confirmada, assumindo quase que um tom profético.

Debord (1997) denomina de “espetáculo” a forma mais desenvolvida da sociedade baseada na produção e no fetichismo da mercadoria. O espetáculo, de maneira contraditória e funesta, apesar de ser resultado da atividade humana, pode levar a humanidade à extinção, por meio de uma catástrofe ecológica ou da guerra.

Sub-repticiamente, a teoria do “espetáculo” vem sendo reduzida a apenas uma análise sobre a mídia, sobre a tirania da televisão ou de meios de comunicação similares. Porém, o “espetáculo” midiático é apenas um dos aspectos analisados por Debord, que o considera como “restrito” e de “manifestação superficial mais esmagadora”. (DEBORD, 1997, p. 20) Para Debord, os meios de comunicação de massa apenas expressam a estrutura de toda a

sociedade, que cada vez mais se caracteriza pela contemplação passiva de imagens, geralmente escolhidas por outras pessoas e que substituem paulatinamente o vivido.

Se, no primeiro estágio da evolução histórica da alienação, afirma Debord, fortemente influenciado por Marx, ocorreu uma degradação do “ser” para o “ter”, no “espetáculo”, estágio supremo da abstração, ocorre uma degradação do “ter” para o “parecer”. Tudo o que falta à vida é encontrado no conjunto de imagens e representações que é o espetáculo. Toda a realidade é substituída pela imagem e neste processo ocorre uma inversão: a imagem torna-se o real, enquanto o real torna-se imagem.

O espetáculo é ao mesmo tempo o todo da sociedade e apenas parte dela. É o todo porque toda a realidade é passível de ser substituída por imagens. E é parte porque é a classe dominante que estrutura as imagens segundo seus interesses, dominando a sociedade inteira, que possui apenas o papel de contemplar as imagens, sem participar de sua formulação. No processo de tudo subordinar às suas próprias exigências, o espetáculo falseia a realidade, transformando o verdadeiro apenas num momento do falso.

Entretanto, afirma Debord, o problema não está na imagem ou na representação, mas na sociedade que necessita dessas imagens. O problema reside no fato dessas imagens e representações terem atingido tal nível de independência que escapam ao controle dos homens, lhes falando na forma de um monólogo. Elas surgem da vida social coletiva, mas se comportam como se fossem independentes.

É nessa “sociedade do espetáculo” que conhecemos André. Ele transita em meio a mercadorias desde o início do filme, calculando quanto de dinheiro e de trabalho necessita para comprar cada uma delas. Ele faz compras no supermercado, passeia em frente a lojas e vitrines. De binóculo invade os lares, conhece a intimidade das pessoas, imagina como é suas vidas e quanto de dinheiro precisa para comprar as coisas que vê nas casas dos outros. É também pelo binóculo que André conhece Sílvia, se apaixona por ela e descobre sua triste vida em casa ao lado do padrasto.

André é tímido, reservado, intimista e introspectivo. Sente uma profunda vergonha de sua condição de pobreza e do que faz (operador de fotocopiadora). Tem plena consciência que sua capacidade intelectual é maior do que exige seu trabalho, mas não tem forças, a princípio, para mudar o próprio destino. Estudou pouco, ainda adolescente deixou de freqüentar a escola e a grande parte do conhecimento que possui vem dos textos que fot copia. Ainda criança, foi abandonado pelo pai, que saiu de casa sob o pretexto de uma viagem. Nessa saída mal resolvida, ele criou um elo perverso com André: ao pedir que o menino guardasse as suas correspondências, criou a expectativa do retorno. Expectativa que André somente se livraria

depois de adulto. No início da narrativa, André parece ter uma relação de distanciamento com a mãe. Depois que ela sai da sala, ele resolve assistir TV. Ela diz as mesmas coisas todas as noites e recebe as mesmas respostas. Os dois não convivem e sim coexistem dentro da mesma casa. Sua grande angústia é não ter dinheiro, com os dois salários mínimos que recebe paga o aluguel e metade da prestação da TV. Ele imagina tudo o que poderia comprar se tivesse dinheiro e como as pessoas o olhariam depois que tivesse todas essas coisas. Nesse processo de casa para o trabalho, sem dinheiro para fazer nada, André utiliza o desenho como catarse. Com papel e canetas coloridas, ele resolve suas angústias e seus problemas.

Apaixonado por Sílvia, a única forma que André visualiza para se aproximar dela é comprando um chambre na loja em que ela trabalha. Na “sociedade do espetáculo”, a mercadoria é vista como a única maneira de aproximar pessoas. Mas, como conseguir o dinheiro? Com sorte e com a ajuda do seu anjo da guarda, consegue uma nota de R\$ 50,00, faz uma fotocópia e consegue trocá-la por “dinheiro verdadeiro” numa loja lotérica. Ao descobrir que o padrasto de Sílvia rouba seu dinheiro e a observa pelo buraco da fechadura enquanto toma banho, resolve assaltar o carro forte de um banco. Seu plano é conseguir dinheiro suficiente para tirar a si mesmo e Sílvia daquela vida. Num golpe de sorte também acerta os seis números da Mega Sena, tornando-se duplamente milionário.

Apesar de André buscar incessantemente ter dinheiro, ele também possui uma visão crítica sobre ele. Sabe que o dinheiro é capaz de comprar muitas coisas materiais, coisas que são perecíveis. Mas, André quer algo mais da vida, o dinheiro não é um fim em si mesmo. Ele chega a queimar um grande número de notas falsas, que estavam lhe trazendo algum bem-estar material, pensando “o dinheiro é apenas um pedaço de papel que as pessoas dão valor”. Junto com o dinheiro ele também queima as várias cartas endereçadas para o pai, guardadas durante anos. Com essa atitude, ele diminui o valor do dinheiro e extirpa o pai de sua vida.

Sílvia possui uma personalidade muito próxima de André. Ela também é tímida e introspectiva. Possui um trabalho pouco promissor, que exige pouquíssimo de sua capacidade. Sai de casa cedo e só chega tarde da noite, pois possui sérios problemas familiares. A mãe desistiu de viver ainda muito jovem e morreu aos 41 anos. É vítima do pai (Antunes), porém acha que é filha de um outro namorado da mãe (Paulo), um artista que viajou para o Rio de Janeiro. Conhecê-lo e viver no Rio transformam-se no sentido de sua vida. Frente a essa existência infeliz, toma uma atitude decisiva e radical: matar Antunes. Assim como André que extirpa o pai de sua vida queimando as cartas, Sílvia busca eliminar Antunes de sua memória.

Já Cardoso e Marines, apesar de serem os melhores amigos de André e Sílvia (Cardoso chega a ajudar André a fotocopiar notas falsas, no assalto ao carro forte e no

assassinato de Antunes), são completamente diferentes deles. São mais divertidos, falantes e extremamente fúteis. Marines é a típica “bonita e gostosa”, porém também é sincera e de caráter. Tanto que, André confia nela para receber o prêmio da Mega Sena. Mesmo conhecedora de seus dotes físicos, não os utiliza para conseguir enriquecer, sua moeda de troca é outra: a virgindade. Somente terá sua primeira noite com o homem que mudar sua vida. Ela utiliza em proveito próprio um dos maiores fetiches masculinos: ser o primeiro na vida de uma mulher. Cardoso, assim como André, também sente vergonha de si mesmo e do que faz. Mas, se André é sincero, diferente é a situação de Cardoso. Ele finge ser o que não é e ter o que não tem, para impressionar.

Essas diferenças entre André, Cardoso e Marines ficam mais evidentes quando os três se unem para receber e usufruir do prêmio da Mega Sena. Cardoso compra roupas e objetos espalhafatosos e uma Mercedes conversível. Marines prefere as roupas sexy, os calçados caros e arruma o cabelo. Ao encontrar Cardoso, reclama que o carro é prata e não preto, o que combinaria melhor com o vestido que está usando. Já André, apesar de também comprar roupas, fica mais envolvido com papéis, canetas e lápis para seus desenhos. Também resolve comprar uma luneta de maior alcance em substituição ao binóculo. Os bens adquiridos por André, apesar de também serem mercadorias, o levarão a um prazer maior, enquanto Cardoso e Marines estão mais preocupados em “ter” para “parecer”, ele busca “ter” para encontrar-se com seu “ser”.

André, Sílvia, Cardoso e Marines representam o bem no filme. Numa narrativa clássica holywoodiana eles seriam os “mocinhos”. Porém, em *O homem...* essa juventude também rouba, engana e mata sem nenhuma crise de consciência. Eles são um misto de heróis e contraventores, e essa contravenção, o fato de fazerem o que não pode ser feito e de fazerem o que muitas pessoas gostariam de fazer, mas não têm coragem, os transforma em mais heróis. É quase impossível para o expectador, que cria uma simpatia pelos personagens, não torcer para que o plano de falsificação do dinheiro, de assalto ao banco e depois da morte de Antunes dê certo. Desejamos que a contravenção triunfe, pois somente assim haverá saída para eles.

Diferente é o personagem Feitosa. Jovem como André (19 anos), ele já está no mundo do crime: anda armado, já foi preso, vende maconha e cocaína, tem “bons amigos” na polícia, prontos a retirá-lo de qualquer enrascada. Ele representa a juventude marginalizada, que, diferente de André, Sílvia, Marines e Cardoso, escolheu o caminho da criminalidade para conseguir dinheiro. Ele se julga muito esperto e corajoso. Acreditando nisso, ele acaba morrendo, numa espécie de acidente, suicídio, homicídio.

Nessa sociedade fetichizada e do espetáculo, André e Sílvia encontram uma saída. Não se trata de uma revolução socialista, com a proposta de por um basta nas práticas capitalistas. Eles encontram um lugar nessa mesma sociedade sem serem corrompidos pelo dinheiro. Eles estão mais interessados naquilo que o dinheiro pode lhes dar para além das coisas materiais, estão em busca de “ser” e não apenas “ter” ou “parecer”.

Nos primeiros 20 minutos do filme, ao fotocopiar um livro, André lê um soneto de Shakespeare, o de número 12, escrito em 1609:

Quando a hora dobra em triste e tardo toque  
E em noite horrenda vejo escoar-se o dia,  
Quando vejo esvair-se a violeta, ou que  
A prata a preta têmpera assedia;

Quando vejo sem folha o tronco antigo  
Que ao rebanho estendia a sobra franca  
E em feixe atado agora o vejo trigo  
Seguir o carro, a barba hirsuta e branca;

Sobre tua beleza então questiono  
Que há de sofrer do Tempo a dura prova,  
Pois as graças do mundo em abandono

Morrem ao ver nascer a graça nova.  
Contra a foice do tempo é vão combate  
Salvo a prole, que o enfrenta se te abate.

Ele pouco entende o que está escrito, mas seu tom de voz é profundo e revela paz. Algumas cenas depois, ele utilizará um dos termos (hirsuta) para provocar uma conversa com Sílvia. Ela, demonstrando interesse, localiza no dicionário o significado da palavra. Depois, retribuindo seu presente (uma cortina japonesa), lhe dá um livro de Shakespeare contendo o soneto. Os dois lêem o soneto juntos, descobrindo seu significado. Nesse momento Sílvia e André descobrem-se apaixonados e resolvem se casar.

Desde o início do filme, esse elemento poético aproxima e une Sílvia e André, que numa sociedade de espetacularização de coisas, querem viver um grande amor, casar e ter filhos, enfim, vencer o tempo. Para eles a materialidade é apenas uma forma de atingir esse objetivo maior.

Jorge Furtado, seguindo uma tendência dos filmes do cinema brasileiro contemporâneo, diferentemente da proposta do Cinema Novo ou de muitos cinemas ditos políticos (como os de Costa Gavras ou de Oliver Stone), encontra o equilíbrio na narrativa: mesmo apresentando um final feliz, quase um chavão, ele consegue problematizar a realidade social, transformando *O homem que copiava* num filme tão polêmico como *Ilha das flores*.

**Referências bibliográficas**

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

LUKÁCS, George. *História e consciência de classe. Estudos de dialética marxista*. Porto, Publicações Escorpião, 1974.

MARX, Karl. “O fetichismo da mercadoria: seu segredo.” In: *O capital: crítica da economia política: livro I*. 22 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004, p. 92-105.